

GAZETA LUZITANA

ORGÃO DO POVO PORTUGUEZ
RESIDENTE NO BRAZIL

Publicam-se quaesquer escriptos de assumpto patrio

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS

Redacção e typographia rua da Assembléa, n. 24

QUARTA-FEIRA 27 DE JANEIRO DE 1886.

Por um anno 12\$000
Por seis mezes 6\$000
Para o Interior, por anno 15\$000

ANNO IV. --- RIO DE JANEIRO. -- N. 162

Publica-se ás quartas e sabbados.—A correspondencia deve ser dirigida a Claudino da Silva Netto.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das provincias que se acham em atraso, rogamos o especial favor de enviar-nos a importancia em vales do correio, ou carta registrada, descontada a despeza, que fizerem, da respectiva importancia, para á rua da Assembléa n. 24, 1.º andar.

Sob o titulo «Almanak do Commercio», abrimos uma secção de annuncijs na primeira pagina da nossa folha, onde pelo modico preço de 2\$000 mensaes, podem os Srs. commerciantes annunciar as suas melhores especialidades.

Almanak do Commercio

Relação das casas em que se acha o bom e o barato. Indicação de escriptorios medicos, de advocacia, de corretagem, de leiloeiros, Collegios, associações de beneficencia, Pharmacias, etc.

CONSULADO PORTUGUEZ

Praça da Constituição n. 38.

LEGAÇÃO PORTUGUEZA

Largo do Valdetaro n. 126.

FLORES ARTIFICIAES

Fabrica premiada em muitas exposições. Rua do Passeio n. 38. Ribeiro de Carvalho & Comp.

CONSULTORIO MEDICO

Rua dos Andradas n. 8 — Dr. E. Pinto, homeopatha. Rua da Quitanda n. 104, Pharmacia.

COLLEGIO

Direcção de Luiz Raposo

Cursos nocturnos, especiaes para a classe commercial, Rua da Ajuda 27.— Francez, Inglez, Calligraphia, Escripção mercantil, portuguez, etc., etc.

FAZENDAS E ROUPAS FEITAS

Pereira da Rocha & Comp. Rua da Assembléa n. 73. Completo sortimento de roupas feitas.

Fernandes Fam & Comp. Praça da Constituição. A ESTRELLA DO BRAZIL, sortimento magnifico de roupas feitas.

AO BALISA. Rua do Hospicio n. 83.

CASA DO SILVA. Rua da Uruguayana n. 5.

EMPRESA DE MUDANÇAS

Empresa Coimbra.— Praça da Constituição n. 59.

CALÇADO

Ao Ribeiro Barateiro.— Rua do Carmo, 4.

TYPOGRAPHIA

Rua da Assembléa n. 24. GAZETA LUZITANA. Aprompta-se qualquer trabalho typographico com nitidez, barateza e brevidade.

PHOTOGRAPHIA

Rua da Carioca n. 62.— Arsonio da Camara.— Retratos em todos os systemas.

GAZETA LUZITANA

Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1886.

Medida importante

No nosso numero anterior chamamos a attenção do Sr. ministro portuguez para a conveniencia de inter-

ceder junto ao governo do reino para a realisacão da medida que apontavamos, de serem conduzidos para as colonias correccionaes da Africa, os portuguezes residentes no Brazil, cujo procedimento e mãos costumes tivessem obrigado as justicas do Brazil a tomar-lhes contas, prendendo-os e condemnando-os.

Como de facto s. ex.º é quem poderia, não fundando-se em mais do que em verdades, alcançar do nobre Sr. conselheiro Pinheiro Chagas, alguns passos ao encontro desta questão em que todos teriamos a lucrar.

Não seria nem mais dispendioso, nem difficil ao ministerio da marinha de Portugal, determinar a escala pelo Rio de Janeiro dos barcos de guerra que continuamente transitão em busca dos portos da Africa Portugueza.

Mesmo quando s. ex.º tanto não podesse alcançar, o que não acreditamos, bastaria que obtivesse a passagem por aqui dos navios que annualmente sahem de Lisboa para estacionar em aguas africanas.

Desde que isto lhe fosse concedido, dando o governo passagem gratuita aos indigitados pela reprovação da colonia e alcançados pelas leis do Brazil por vagabundos e criminosos, teria s. ex.º prestado um relevante serviço aos seus compatriotas, por cujos direitos e bem estar tem s. ex.º o restricto dever de velar.

Como deixamos dito, pela parte de Portugal nenhuma dificuldade vemos para a realisacão desta proveitosa e necessaria medida.

Pela parte das leis do Brazil, nenhuma tambem enxergamos, desde que o governo portuguez, de quem poderá ser optimo intermediario o Sr. conselheiro Tovar de Lemos, se interesse pelo exito desejado das negociações que encetar.

Já que tratamos da necessidade da passagem pelo Rio de Janeiro dos navios portuguezes em caminho para a Africa, podemos apontar uma outra rasão não menos forte que a que deixamos escripta.

Muitos dos nossos compatriotas conhecemos, que por não possuirem meios para o transporte, deixão de seguir para a Africa, onde os chama o desejo plausivel de adquirir fortuna pelo seu trabalho serio e honrado.

E' ou não esta ambição, licita e naturalissima, a principal base em

que se apoia o governo portuguez para o povoamento dos territorios africanos e para o desenvolvimento agricola e commercial, esteo unico em que se poderá fundar o engrandecimento d'aquellas terras?

E' isto ou não o interesse de Portugal?

Certamente que sim, e por essa mesma rasão é que os primeiros passos devem ser dirigidos pelo governo, e que a elle pertence fornecer os primeiros recursos.

SECÇÃO NOTICIOSA

O testamento de D. Fernando

Segundo o modo de fallar do nosso collega das *Novidades*, de Lisboa, é desejo preconcebido dos interessados na posse do palacio da Pena, de que se consiga por qualquer meio dispensar a intervenção do ministerio publico na execução do testamento do finado rei.

De tal arte foi imaginado e escripto o codicillo testamentario que hoje tratão os interessados de obter dispensa de inventario, fundando-se em que as Senhoras infantas pelos seus contractos anti-nupciaes desistiram de toda a herança que lhes podesse advir de Portugal.

Ora, não é facil de ver-se que a materia de que tratão os contractos anti-nupciaes de principes das casas reinantes, referem-se sempre a heranças que tenham relações com a corôa e governo, e não heranças de bens particulares de paes, irmãos, ou quaesquer outras pessoas, parentes ou não.

Segundo nosso pensar esta ridicula traição feita á fraqueza de um moribundo tem tomado proporções de um egoismo, de uma dureza inatingiveis: é hoje revelação de um caracter.

Tudo quanto se fizer para destruir esta mesquinha vingança, vil e digna de quem a pratica, será bem feito. O maior attentado tornar-se-ha uma benigna acção de justiça perante a grandesa do crime e a infamia do criminoso.

E felizmente ainda ha juizes em Lisboa.

Minho

Estão sendo activamente feitos os trabalhos da Ponte Internacional sobre o Minho, que brevemente será inaugurada.

Uma anedocta de D. Fernando

«El Resumen» de Madrid, conta o seguinte a respeito do finado monarcha:

Procedia-se ao empacotamento dos objectos que o Muzeu Archeologico de Madrid enviara á Exposição de Arte Ornamental de Lisboa.

Um sujeito de idade, magro, de bigode e pera romanticos, parecidos com os de Zorrilha e do dr. Letamendi, examinava com intelligente curiosidade os objectos, e deixava escapar exclamações d'admiração, sempre que apparecia alguma coisa de muito extraordinario. Ao empacotarem-se os famosos pratos hispano-arabes, que são verdadeiras joias do nosso muzeu, a sua admiração não teve limites.

«Magnifico! Magnifico! dizia elle em puro hespanhol, mas com uma pronuncia um pouco defeituosa. Ha no brilho d'estes pratos o brilho do sol d'Andaluzia.»

— E' verdade, confirmou um commissario portuguez que por ali passava n'aquelle momento. Em Lisboa só existem, parecidos com estes, os da collecção de V. M.

— De V. M. ? perguntamos nós, surprehendidos ao ouvir tal tratamento dirigido áquelle cavalheiro tão entendido em arte, e que ali tinha chegado sem nenhuma especie de acompanhamento.

O commissario comprehendeu então o nosso espanto, e lendo no sorriso do rei o preciso consentimento, fez a sua apresentação:

— S. M. el-rei D. Fernando.

El-rei estendeu-nos affavelmente a mão, e principiou a fallar da Hespanha com enthusiasmo e perfeito conhecimento da sua historia, artes e bellezas.

Africa

Foi creada uma alfandega em Guiné, em substituição a de Bolama.

Commercio

No Porto vae-se fundar uma sociedade de negociantes para zelar os interesses do commercio, e ser seu principal representante junto aos poderes publicos, sob o titulo de «Syndicato vigilante do commercio do Porto».

Inventario

O inventario dos bens do finado rei D. Fernando foi distribuido ao juiz da 6.ª vara civil de Lisboa. E' advogado da Senhora Condessa d'Edla o dr. Holstremann.

Vinhos portuguezes

Em Vizeu resolveo a camara nomear um empregado habilitado para analysar os vinhos, e evitar as falsificações dos vinhos exportados, procedendo-se judicialmente contra os contraventores.

Oitenta contos

Na ultima loteria de Hespanha el-rei D. Luiz, de um bilhete que posuia, recebeu oitenta contos, que mandou distribuir pelas damas, camaristas e mais empregados do Paço.

Exposição do Nyassa

Segundo as ultimas noticias recebidas em Lisboa, tem surgido grandes difficuldades para o seguimento da expedição actualmente, por molestia do Sr. Serpa Pinto, sob a direcção do Sr. Augusto Cardoso.

Os vinhos da Bairrada

Está quasi todo, senão todo, vendido para França o vinho da Bairrada colhido este anno.

Houve quem começasse a comprar o vinho, estando os cachos ainda nas vinhas, á razão de 20\$000 cada pipa.

Quando chegaram os primeiros commissarios, subiu o preço a 24\$000 réis. Com os segundos, a 27\$000. E, por ultimo, attingiu esse preço a 31\$500 réis. O mesmo se tem dado com os vinhos da Beira.

Revista Illustrada

O espirituoso hebdomadario em que fulgura o lapis de Angelo Agostini, a sempre applaudida «Revista Illustrada» encetou já o seu 11º anno de existencia.

Parabens.

Echo Luzitano

Entrou no seu quarto anno de prospera existencia o nosso estimado collega o «Echo Luzitano», folha que se publica na capital da provincia do Rio Grande do Sul.

Comprimetamol-o, enviando-lhe as nossas sinceras felicitações. †

THEATROS

SANT'ANNA.— Não retirará de scena a «Mulher-Homem» enquanto não fizer centenário.

PHENIX.— Tem duas magnificas peças em vespera de representar-se: «Rocambo» e «Como se fazia um deputado».

PRINCIPE.— Regala-se de ver como o bilheteiro enche-se todos os dias de encomendas para as representações.

RECREIO.— Está apaixonado pelas «Visinhas», que lá ficarão pelo menos mais trez mezes.

LUCINDA.— Tem em casa um «Bilhontra», de primeira agua.

APOLLO.— Tem todas as noites um infallivel remedio contra as tristezas. Quem quizer rir é lá apparecer.

Sociedade de Geographia

Recebemos o n.º 2 da segunda serie da «Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil.»

Como os demais, este numero da importante Revista, vem magistralmente escripto, o que muito honra o seu digno director dr. Zeferino Candido.

A Chronica, devida á penna do sympathico escriptor J. Felipe Pestana, traz um importante discurso pronunciado em Lisboa, pelo explorador Roberto Ivens.

Ao high-life

O sr. Arsenio Borges Neumão da Camara, artista de grande merito, ha pouco chegado da Europa, abriu na rua da Carioca n.º 62 uma importante photographia, habilmente preparada para a tiragem de retratos em todos os systemas, e luxuosamente montada.

Tivemos já occasião de visitar o magnifico estabelecimento e de apreciar os optimos trabalhos do sr. Arsenio da Camara, e julgamos do nosso dever fazer esta pequena noticia, de que é em extremo merecedor o digno artista, pela perfeição e delicadeza com que executa todas as encomendas que lhe são feitas.

As pessoas de bom gosto recomendamos que visitem a photographia do sr. Camara, porque estamos convencidos, que nenhuma haverá capaz de sahir de lá, sem a respectiva duzia de retratos.

Nas Cortes

O sr. deputado Manoel de Arriaga requisitou do governo a copia das instrucções obtidas do governo Brasileiro sobre o assassinato de um menor portuguez na capital da provincia do Pará.

SECÇÃO DE CRITICA

Um velho templo

Vela por mim, ó grande Deusa, ó justiça dos homens e das cousas! Precede-me neste caminho abysmoso em que me arrasto, alumia-me com a tua chamma divina, ó excelsa virtude!

Sem ti não chegarei ao fim da estrada, ficarei transformado em estatua de sal, por ter olhado para o santuario espantoso dos passaportes e da Praça da Constituição!

Não me abandones, deixa que eu me arrime a ti, como quem se segura no meio da praça publica a um frade de pedra!

Entremos no templo dos templos: não ha Cerbero á porta, mas nem por isso é menos perigosa a entrada. Não me abandones, ó bella pythônica desthronada, segue-me até a nave desta igreja pagan, onde imperam os nobres e grandes Consules!

O' magestosa Roma do passado, lembro-me de ti e das tuas curues legendarias, onde se recostarão tantos crimes e tantas virtudes, tanta lealdade e tanta hypocrisia!

E tu eras então a rainha universal!

A tua mão, justiça, os teus conselhos! E' preciso separar o joio bom do máo. Não aconteça que seguramos as orelhas de Tito, julgando ser os pulsos de Caligula.

Aqui, ó bella infallivel, é onde se guarda a protecção que de além mar os irmãos envião para os irmãos. Procuremol-a bem. Não ha engano possivel: a protecção de que um sangue igual e o céu da mesma patria, cercão aquelles que trazem no coração o mesmo nome de um mesmo berço, é como um grande circulo dourado, que os envolve a todos, feito de perfumes e de luz, é uma cousa santa e poderosa, mixto de amor e de disvello; procuremol-o bem, o grande circulo sagrado.

Não o encontraste ainda, ó meu intelligente guia?

Aquillo acolá que tu me apontas, não é, não pôde ser o que procuramos.

E' um casal de morcegos, velhos e tristonhos, casados a cem mil annos, que continuão a sua lú de mel através dos seculos, e hão de continuar-a eternamente, lugubres e rancorosos, sem uma alegria e sem uma esperança, bastardos inconfessaveis de um consorcio hybrido entre a hypocrisia e a maldade. Este casal sem filhos, ó meu guia infallivel, é composto do egoismo e da indifferença.

Não nos aproximemos, ó bella virgem impolluta, não toquemos n'aquella felicidade das trevas.

Caminhemos mais. Não vês, ao longe, ao fim deste grande corredor, brilhar uma luzinha carinhosa, que parece nos chamar?

Bem a vês, dizes tu, pois bem, aproximemo-nos.

Ah! eil-a! eil-a aqui!

E' uma estrella!

E' o saudoso nome da patria!

O' meu Portugal abençoado, eu te saúdo! Do Eterno desção sobre ti, como uma chuva de alvoradas, todos os triumphos!

Deus te guarde, meu velho Portugal!

Vês tu, ó justiça implacavel, que só o nome da patria merece aqui o nosso respeito. Nada mais aqui se vê. Tu mesma, ó deusa inexoravel, antes de hoje, nunca aqui entraste! Protecção, amizade, deveres, d'aqui forão banidos!

Pois bem, eu te prometto, ó grande e bondoso Céu de minha terra, que havemos de aqui voltar, e aos mãos obrigaremos a não sacrificar os beneficios que a patria dispensa a seus filhos, pelo bem estar individual de meia duzia de homens.

Deixemos o templo, quero dizer, o antro.

Josephus.

O pantheon da casa de Bragança em S. Vicente de Fóra

Em dezembro de 1853 foi mandado fazer um novo jazigo real no edificio de S. Vicente, trasladando-se para ali todos os athautes que encerram os restos mortaes dos monarchas, principes e mais pessoas reaes da casa de Bragança.

Este jazigo é soberbo, occupando o logar principal o mausoleu do rei D. João IV. Por cima da porta exterior lê-se uma inscripção que diz:

«que o regente D. Fernando mandou erigir aquelle jazigo. As obras concluíram-se em 1855, tendo logar, no dia 13 de setembro do mesmo anno, na igreja de S. Vicente, a trasladação do mausoleu do rei D. João IV e todos os seguintes athautes:

Reis D. João II. D. Pedro II e a rainha D. Maria Sophia, segunda mulher de D. Pedro. Seus filhos: os infantes D. Francisco, D. Antonio e D. Manuel e as infantas D. Thereza e D. Francisca.

Rei D. João V e seus filhos: os infantes D. Pedro, D. Carlos e D. Alexandre.

Rei D. José I e suas filhas; as infantas D. Maria Francisca Dorothea e D. Maria Francisca Benedicta.

Rei D. Pedro III e seus filhos: os infantes D. João e D. José, e suas filhas as infantas D. Maria Clementina e D. Maria Isabel.

Rei D. João VI e seu filho o principe D. Antonio.

Princeza D. Maria Amelia, filha de D. Pedro IV.

Principe D. Augusto de Lencintenberg.

Os filhos da rainha D. Maria II e do rei D. Fernando: infanta D. Maria, infante D. Leopoldo, infanta D. Maria e infante D. Eugenio.

D. Pedro IV e D. Maria II.

A 29 de setembro de 1885, pelas sete horas e meia da noite, trasladou-se do convento dos Jeronymos de Belem, para o jazigo real, o athaude do rei D. Affonso VI.

A 27 de dezembro d'esse anno, fez-se egual trasladação do athaude da rainha D. Maria Anna de Austria, da igreja de S. João Nepomuceno, para o jazigo de S. Vicente.

Um animal desconhecido

«La Nacion» e outros jornaes europeos publicarão artigos sobre um animal singular, um simiano de trez olhos que viajantes dignos de toda a fé, virão e observarão em Nova Granada, sem duvida alguma, restos de uma raça que se extingue.

Este simio, a que derão o nome de «quim zanahui», só de longe em longe apparece n'essas florestas ainda tão pouco exploradas. O terceiro olho é collocado no meio da fronte, abre-se e fecha-se como os outros, mas não serve para a visão: não é propriamente um olho, mas uma saliencia carnuda, assemelhando-se a uma gema de ovo endurecida. E' phosphorecente e brilha na obscuridade, permittindo a «quim zanahui» orientar-se nas trevas em que vive.

Esse animal resume a sua vida em uma continua queixa, dando gritos contristadores, semelhantes aos de uma criança que soffre.

Que ser bizarro será esse? Que querem dizer esses gemidos humanos? Serão seres decahidos lembrando-se de uma patria melhor, de uma antiga felicidade, e chorando no fundo dessas florestas virgens sua mysteriosa decadencia?

Sempre só, sempre triste, o «quim zanahui» parece um exilado no nosso planeta.

Aos poucos, com perseverança a sciencia ha de descobrir os elos da cadeia animal que prendem o homem aos simios.

ANNUNCIOS

65-RUA DE S. FRANCISCO D'ASSIS-63

Antiga da Carioca

CASA DE DUAS PORTAS

DE

—Agostinho Ferreira de Carvalho—

Grande sortimento de roupas feitas para homens e crianças. Aprompta-se com promptidão sob medida, qualquer encomenda por preços sem competidor

MIUDEZAS DE ARMARINHO

RIO DE JANEIRO

KANANGA DO JAPÃO

RIGAUD & Co. Perfumistas
PARIS — 8, Rue Vivienne, 8 — PARIS

Extracto de Kananga

Novo e delicioso perfume para lenço, producto da preciosa e conhecida sob o nome de Yrus japonica. C. e. delicado aroma, de persistencia sem igual, refresca o ar que se respira, e, ao mesmo tempo, ao redor da pessoa que o usa, a, espalha a suavidade e a elegancia. Acha-se á venda em todas as Perfumarias



VENDE-SE

Papel para embrulho nesta
typographia

ASTHMA
CIGARROS INDIOS
De GRIMAULT, e Co. pharmaceuticos em Paris
Aprovado pela Junta Central de Hygiene publica do Brasil.
Basta aspirar a fumaça dos Cigarros indios para fazer desaparecerem completamente os mais violentos ataques de Asthma, Tosse nervosa, Ronco-dão, Extinção da voz, Neuralgia facial, Insomnio, e tambem combater a febre laryngea.
CADA ESTOJO LEVA A MARCA DE FABRICA, A FIRMA GRIMAULT e Co. E O SELLO DO GOVERNO FRANCÊZ.
PARIS, 8, rue Vivienne e nas principaes Pharmacias.

CARTOMANTE

Mme. Josephina a mais conhecida e perita nesta arte, dá consultas para descobertas de qualquer especie; na rua de S. José n. 67, sobrado.

Sulfato de Quinina de Pelletier

Chamado dos 3 Cachets

ARMET DE LISLE & Co, Succesores

Desde a descoberta do Sulfato de Quinina por PELLETIER, este producto tem mantido a sua reputação de bondade e pureza, e a sua marca é preferida em todos os mercados do mundo, apesar da competencia e da falsificação. Os Srs. ARMET DE LISLE, succesores de Pelletier, realisando um novo progresso, introduzem o Sulfato de Quinina de Pelletier em pequenas capsulas redondas, delgadas, transparentes, muito solúveis, de conservação indefinida, que não se endurecem como as pilulas e grageas. São o especifico certo das febres perniciosas, terciarias e palustres, das dores de cabeça, enxaquecas e nevralgias, gota, rheumatismo, as affecções do figado e do bazo. Na dose de uma ou duas por dia, o Sulfato de Quinina constitue o mais poderoso dos tonicos; excita o appetite, favorece a digestão, combate as transpirações exageradas, reanima as forças, e dá ao corpo a energia necessaria para resistir ás febres e enfermidades infecciosas. Vende-se em frascos de 10, 20, 100, 200, 500 e 1.000 capsulas, o que permite ao pharmaceutico satisfazer todas as prescripções medicas. Cada capsula contém dez centigrammas e leva o nome Pelletier impresso em preto.

Deposito em PARIS, RIGAUD & CHAPOTEAUT, 8, Rue Vivienne.

ENCONTRAM-SE EM TODAS AS PHARMACIAS.



Oleo de Fígado de Bacalhau

do D'UCOUX

Iodo-Ferruginoso de Quina e Casca de Laranja amarga

Este medicamento é facil de tomar, não provoca nauseas, e é de cheiro agradável. Pela sua composição, possui todas as qualidades que lhe permitem combater:

- a ANEMIA, a CHLOROSE, as AFFECÇÕES do PEITO
- a BRONCHITE, os CATARRHOS, a TYSICA
- a DIATHESE ESTRUMOSA, ESCROPHULOSA, etc.

Em vista do seu emprego facil, da sua acção multiplice e segura, da economia para os doentes, os medicos receitam-n'o de preferencia á qualquer outro medicamento similar.

DEPOSITO GERAL:

PARIS, 209, rua Saint-Denis, 209, PARIS

VENDEM-SE EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO UNIVERSO

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES E IMITAÇÕES

O rei de Castella acompanhava por terra as galés, seguindo as margens do Guadalquivir. Esperava que se travasse o combate mesmo na foz do rio, e que assim elle podesse dar auxilio o reforço aos cavalleiros, besteiros, e homens de armas que atulhavam os navios.

Mas a esquadra portugueza, enfraquecida pela mortalidade atterradora que se declarára nas equipagens, e pelo estado miserando dos que sobreviviam; não quiz accoitar o combate onde lh'o offereciam, e fez-se ao largo, confiando que no mar alto teria decididas vantagens sobre as galés inimigas; d'isso mesmo porém estavam conscientes os Castelhanos, e portanto não ousaram segui-lo. Tevo D. Henrique grande despeito, mas, cedendo d'essa vez aos conselhos dos homens experimentados que lhe pintavam a inconveniencia de um combate em condições tão desastrosas, resignou-se, e mandando desarmar as galés, equipou então completamente sete, cujo commando assumiu o almirante Ambrosio Boccanegra, e enviou-as á Biscaia, para que nos portos dessa provincia essencialmente maritima e tão celebre pela audacia dos seus navegadores, se armasse uma esquadra capaz de vir medir-se com a portugueza. As sete galés equiparam-se e foram levar a Satander as ordens d'el-rei, que logo se principiaram a cumprir, desenvolvendo-se a maior actividade em todos os portos biscainhos.

Em pouco tempo effectivamente se equipou uma forte esquadra, que logo sahiu ao mar, dirigindo-se para a Andaluzia. A sua primeira façanha, e façanha rendosa, foi a tomada de uma galé portugueza, que sahiu de Lisboa e que ia levar o soldo aos navios do cruzeiro. Depois a esquadra, proseguindo na sua derrota, chegou dentro em pouco á foz do Guadalquivir.

Quiz o caso que a frota portugueza tivesse nessa occasião entrado pelo rio acima, de fórme que a chegada da esquadra hespanhola transformou-a de bloqueadora em bloqueada. Não convinha ao almirante Lançarote Pessanha afrontar um combate com os navios castelhanos armados de fresco, trazendo toda a sua equipagem sadia e vigorosa, enquanto os tripulantes portuguezes, lividos e extenuados, mal podiam acudir á faina da manobra; por outro lado comtudo parecia impossivel evitar a peleja, a não ser que se rendesse vergonhosamente a esquadra deixando-se encurrular no rio. Occorreu então ao filho de Manuel Pozaguo um estratagemma audacioso, mas que teve exito completo. Apresára algum tempo antes dous navios carregados de azeite, lançou-lhes fogo e arrojou-os depois, como dous modernos brulotes contra os

Fernando, se tinham tornado tão temiveis nessa dilatada guerra em torno dos seus muros como os defensores do Ciudad Rodrigo, que o rei de Granada continuava nas suas algaras prejudicialissimas aos povos de Andaluzia, finalmente que uma forte esquadra portugueza bloqueava a foz do Guadalquivir, causando assim grande mal a Sevilha, porque lhe interceptava a maior parte dos viveres de que a cidade se abastecia!

Ah! se D. Fernando tivesse espirito tão rasgado, como eram rasgadas as suas aspirações, se uma pusillanidade deploravel se não casasse nelle com os mais audaciosos projectos, quão diverso teria sido o resultado destas guerras fataes com Castella! Nesta época em que estavam ainda no primeiro vigor os odios de partido contra D. Henrique II, em que estavam ainda quentes as dedicações a D. Fernando, em que os numerosos embarcos rodeavam por todos os lados o soberano de Castella, não seria difficil, conduzindo a guerra com vigor levá-la a um exito feliz, mas parecia que o rei de Portugal e os seus conselheiros não tinham outro intento senão offerecer a D. Henrique ensejo de se salvar. A guerra em vez de se concentrar, dividia-se, que era para o inimigo se poder desenvencilhar pouco a pouco de todos os laços que o prendiam!

Pois, como dissemos, não só era muito para se aproveitar em batalhas campaes e em expedições sérias o valor dos cavalleiros portuguezes, mas tambem se podia contar afoitamente com a fidelidade e dedicação dos fidalgos castelhanos. Alguns exemplos disso houve que não podiam deixar duvidas. A cidade de Samora, por exemplo, tinha voz por D. Fernando e defendia a Affonso Lopes Texeda contra el-rei D. Henrique. Veiu colcal-a em pessoa a rainha de Castella D. Joanna, que estava costumada aos azares da guerra, porque fora constante companheira de seu marido nos trabalhos e aventuras que precederam a sua subida ao throno.

O assedio estreitou-se aponto que Affonso Lopes viu-se obrigado asronder a praça condicionalmente, porque ajustou que só a entregaria, se não recobesse socorros dentro do certo prazo. Como pnhores do ajuste, foram entregues á rainha de Castella dous filhos ainda crianças do Affonso Lopes. O prazo terminou, e não veio socorro capaz de descercar a praça, apenas nella entrou clandestinamente um pequena força de sessenta ou setenta homens.

Mas assim mesmo Affonso Lopes entendeu que se devia sustentar por mais tempo, e não quiz cumprir o ajuste. Nem a lembrança dos queridos pnhores que dei-

TYPOGRAPHIA

24 RUA DA ASSEMBLEA 24

Este importante estabelecimento, acha-se bem moutado, e nas condições de imprimir todo e qualquer trabalho, garantindo boa revisão e impressão, como sejam:

Jornaes, theses de medicina e de concursos, relatorios, mappas, notas pequenas e grandes, cartões commerciaes, facturas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS


RIO DE JANEIRO

MACHINA

Vende-se uma toda de ferro para lithographia na officina desta folha.
24—RUA DA ASSEMBLEA—24

CASA FRONTIN

FUNDADA EM 1839
Fabrica de fôgões. Vendem-se assentam-se concertam-se a preços modicos. Abre cofres, concerta-os limpa e faz chaves
RUFINO AUGUSTO R. D'AMORIM
Com officina de serralheiro e ferreiro
8—RUA DO CARMO—8
Em frente ao n.º 5
Rio de Janeiro



EMPRESA GERAL DE
MUDANÇAS
59 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 59
COIMBRA
Alugão-se mais barato do que em outra qualquer parte.

Officinas a vapor de ornamentos para igreja e recortes para chalet

ABEL AUGUSTO DE PINHO encarrega-se de qualquer encomenda tanto para a corte como para o interior com brevidade, assim como moldes para fundicção, obras de torneiro marceneiro e carpinteiro; encarrega-se de construção de muralhas de Supporte; obras e concertos tanto na corte como no interior.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 205

MADRUGADAS

Por M. C. Leite Guimarães

A' venda o resto da edição na livraria Garnier, rua do Ouvidor n. 71.

Rio de Janeiro

FABRICA DE CAIXAS de PAPELÃO

Apromptam-se qualquer tamanho de caixas para diversos objectos, como tem-se á venda as especies de patente para cartolas, por preços baratissimos no Becco de João Baptista n. 5 casa de

Clemente de Souza & C.

AZEITE DE OLIVEIRA DE PRIMEIRA QUALIDADE

Fabricado em Thumar (Portugal) por José Pereira Prista Sobrinho
Consignatario no Rio de Janeiro, Bernardino Lourenço Pereira Prista.
6—RUA DO CARMO—6

AS HORTAS DE LISBOA Novo e elegante Theatro Apollo Dramatico

Recitas todas as noites
RUA DOS INVALIDOS N. 120

xára nas mãos da rainha de Castella, nem a ameaça que lhe foi feita de lhos matarem, nem a realisação dessa ameaça, que se effectuou do modo mais barbaro que se pode imaginar, porque foi diante das muralhas do castello, e em presença do pai, a cujos ouvidos chogavam as supplics, os brados e os prantos dos filhos. que as crianças foram assassinadas, nem as instancias de todos os que o rodeiavam e poderam demover do seu proposito! Obstinacão que uns alcunharam de heroica, outros de cega e deahumana!

Fernão Lopes diz neste ponto que o governador de Samora «usou de um modo mui estraño, o qual não é de louvar como virtude, mas façanha som proveito cumprida de toda a crueldade.» Associando-nos ao sentimento de velho e sincero chronista, devemos contudo fazer notar aos leitores que este feito barbaro, que de nada serviu de mais a mais, porque Affonso Lopes teve dalli a pouco de render a praça a D. Henrique, prova ao menos que os cavalleiros castelhanos que defendiam a causa de D. Fernando estavam a ella dedicados de coração, e se mostravam capazes de fazer pelo partido que tinham adoptado os mais custosos sacrificios.

Com circumstancias tão favoraveis, com tão felizes auspicios, qual seria o verdadeiro guerreiro que se não internaria audaciosamente nos estados do seu adversario, e não iria á sua propria capital arrancar-lhe a coroa, e arrebatá-lhe o sceptro?

Mas D. Fernando, como dizia o povo, passoiava de Lisboa para Santarem, e preparava no Tejo uma esquadra formidavel, não para commetter alguma grande empreza, mas para, continuando o possimo systema de guerra parcial ir bloquear como dissemos a foz do Guadalquivir.

Nesta luta sem resultados tinha-se chogado ao anno de 1370, terceiro do reinado de D. Fernando. Estava-se preparando para sahir a esquadra portugueza, quando um grande temporal que houve no Tejo arrasou grande numero de navios no dia 23 de Fevereiro. Recomeçaram-se os preparativos sem perda de tempo, e no dia 15 de junho pode partir com alguns vasos o capitão João Focin, um dos Castelhanos que tinham tomado o partido de D. Fernando, seguindo-se-lhe logo depois o resto da esquadra.

A frota era a mais poderosa talvez que até ahi tinha sahido dos portos de Portugal. Constava de trinta e duas galés, e trinta náos, e commandava-a o almirante Lançarote Peçanha. Ia abastecida ricamente do tudo quanto lhe era necessario.

Esta esquadra levava ordem de cruzar diante do San

Lucas de Barrameda interceptando o commercio do Guadalquivir, e por conseguinte o de Sevilha, e de fazer ao inimigo todo o mal que podosse. Effectivamente a sua estada alli foi bastante prejudicial aos Castelhanos, e Sevilha sentiu-se muito dos males que ella lhe causava; além disso os Portuguezes arrasaram Cadiz, e devastaram toda a comarca. Mas isso não impediu que os incommodos do cruzeiro, que, segundo diz Fernão Lopes, durou um anno e onze mezes, molestassem muito as equipagens, e causassem nos navios uma mortandade atorradora. Apesar do cuidado que tinha D. Fernando em lhe estar constantemente enviando provisões e fatos, quando veio e inverno morreu muita gente do frio e de fome. Doenças estrañas a saltoavam e derramavam a bordo dos navios a desanimacão e o pavor « porque, diz Fernão Lopes, lhe cahiam os dedos dos pés e das mãos e outras tribulações que passavam que seria longo de dizer. »

Quando D. Henrique II chegou a Sevilha, e encontrou toda a cidade afflicta pelos embarços que lhe causava a esquadra portugueza, tratou immediatamente de ver se arrodavam osso flagello do seu littoral. Não lhe seria isso muito difficil, tal era o estado em que a frota portugueza já estava, se elle mesmo tivesse nos seus arsenaes o necessario para armar navios com que fosse combater. Mas D. Pedro tudo dissipára. Em primeiro logar a predicção d'um astrologo (predicções tão veneradas nesse tempo tendo-lhe feito temer que viria a ser sitiado em Carnona levára-o a fortificar essa cidade o melhor que podora, e entre outras coisas para lá enviára, não cabenas com quo fim muitos romos de galés, depois o esu dosleixo e as agitações da guerra civil tinham deixado os arsenaes completamente vasio. Contudo D. Henrique insistia em organizar uma esquadra; a muito custo conseguiram armar vinte galés, mas faltavam os romos. Devendo ter cento e oitenta romos cada galé, não chegavam os que havia senão para com a cada uma, o que fazia temer aos marcantes quo, n'um conflito com a esquadra portugueza, isso lhos fosse prejudicial. Mas D. Henrique a nada quiz dar ouvidos, e as vinte galés galés partiram commandadas por um genovez, Ambrosio Boccanegra. Os Genovezes eram nossa época, e foram sempre uma especie de «candottieri» maritimos que estavam promptos a entrar facilmente ao serviço das outras nações. Não foi outro coisa no seculo XVI o celebre André Doria, o illustre almirante de Carlos V.

¹ Chronica d'el-rei D. Fernando XII, pag. 200 (edição da Academia.)